



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Compreensão de prazer em Freud, no livro *Em Além do Princípio do Prazer* de Sigmund Freud em comparação com a compreensão de prazer em na Carta de Epicuro a Meneceu

Camyla da Silva Costa¹; Agabo Borges de Sousa²

1. Camyla da Silva Costa, PROBIC/UEFS, PSICOLOGIA, e-mail: camylacosta390@gmail.com

2. Agabo Borges de Sousa, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA, e-mail: dr_agabo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Freud; Epicuro; Prazer; Psicanálise; Filosofia Antiga; Pulsão de morte; Felicidade.

INTRODUÇÃO

A busca pelo prazer acompanha a história do pensamento humano, aparecendo como elemento central tanto nas reflexões filosóficas da Antiguidade quanto nas formulações clínicas da modernidade. Entre os pensadores que se destacam nesse percurso estão *Epicuro* (século IV a.C.), filósofo helenista, e *Sigmund Freud* (séculos XIX e XX), fundador da psicanálise. Em contextos históricos e epistemológicos distintos, ambos contribuíram para a compreensão do prazer e suas implicações na vida humana. A ideia central da presente pesquisa buscou compreender de que modo o prazer é concebido por tradições teóricas tão distintas, por meio de uma análise comparativa entre a *Carta de Epicuro a Meneceu Sobre a Felicidade*,¹ e a obra *Além do Princípio do Prazer*, de *Sigmund Freud* e quais são as implicações dessas concepções para a compreensão da condição humana. Enquanto *Epicuro* defende “o prazer como bem supremo e fundamento da vida feliz” (DIÓGENES LAÉRCIO, 1994, p. 498), *Sigmund Freud* (1920) evidencia os limites desse princípio ao introduzir a pulsão de morte e a compulsão à repetição, tensionando a ideia de que a vida psíquica se orienta unicamente pela busca do prazer. O objetivo estrutural deste estudo foi promover um diálogo comparativo entre essas duas concepções, examinando suas convergências e divergências quanto ao papel do prazer na vida psíquica e moral dos indivíduos e analisar as implicações na contemporaneidade. A relevância desta pesquisa encontra-se em articular filosofia e psicanálise, contribuindo para as ciências humanas ao oferecer reflexão crítica sobre a concepção de prazer. Em um cenário contemporâneo marcado pela medicalização da felicidade e pela busca incessante de satisfação imediata, revisitar *Epicuro* e *Freud* permite iluminar os paradoxos do desejo e os limites da experiência prazerosa. A metodologia adotada para construir essa análise e atingir os objetivos propostos foi qualitativa, com abordagem teórico-conceitual, baseada em revisão bibliográfica. A pesquisa se limitou à análise dessas duas obras específicas, não

¹ Carta a Meneceu, preservada na obra de Diógenes Laércio, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* (Livro X: *Epicuro – Notas Preliminares e Tradução*).

abrangendo a totalidade do pensamento de *Epicuro* ou de *Freud*, nem a diversidade das interpretações existentes sobre suas teorias.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A metodologia adotada para a construção da presente pesquisa e para o alcance dos objetivos propostos foi de natureza qualitativa, com abordagem teórico-conceitual, fundamentada em revisão bibliográfica. A escolha desse método se justifica pelo fato de que o estudo busca compreender conceitos, interpretações e sentidos atribuídos ao prazer em diferentes tradições teóricas, o que exige uma análise aprofundada de textos clássicos. Como aponta Gil (2008), a pesquisa bibliográfica possibilita examinar o conhecimento já produzido, sistematizando ideias e proporcionando um olhar crítico sobre as produções existentes. A investigação concentrou-se em duas obras principais: *Carta a Meneceu sobre a felicidade*, do filósofo helenista Epicuro, e *Além do Princípio do Prazer* (1920), de Sigmund Freud. Optou-se por não abranger a totalidade do pensamento de ambos os autores, nem a diversidade de interpretações já elaboradas sobre suas teorias, mas por realizar uma análise focal e aprofundada desses textos de referência. As fontes secundárias foram selecionadas a partir de artigos publicados em revistas acadêmicas e indexados em bases como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google Acadêmico. As principais referências utilizadas para subsidiar a análise e esclarecer conceitos foram Cotrim (2006), Burkhardt (2000), Ullmann (1996), Marcondes (2016), Gomes (2003), Sousa (2024), Diógenes Laércio (2019), Freud (1900; 1905) e Reale (2003), entre outras que estão todas devidamente referenciadas ao final deste trabalho, em conformidade com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Dessa forma, a metodologia escolhida sustenta o diálogo comparativo entre filosofia e psicanálise, oferecendo um caminho rigoroso para a investigação das concepções de prazer em Epicuro e Freud, bem como para a reflexão crítica de suas contribuições às ciências humanas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A investigação desenvolvida ao longo da presente pesquisa permitiu uma análise comparativa rica e interdisciplinar entre duas concepções clássicas do prazer. Embora separados por mais de dois milênios e pertencentes a campos distintos, Sigmund Freud e Epicuro oferecem reflexões profundas sobre a natureza do prazer, do sofrimento e da vida ética. Ambos reconhecem o papel central do prazer na vida humana, mas o compreendem de formas distintas, revelando convergências parciais e divergências fundamentais. No pensamento freudiano, o prazer é compreendido sob uma lógica econômica, isto é, vinculado à descarga de tensões acumuladas no aparelho psíquico. Contudo, a partir da introdução da pulsão de morte em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud aponta os limites do princípio do prazer, ao demonstrar que a vida psíquica não se orienta apenas pela busca da satisfação, mas também pela compulsão à repetição e por tendências autodestrutivas. Nesse sentido, o prazer aparece em constante tensão com o desprazer, e a felicidade assume um caráter sempre parcial, atravessada pelo conflito entre Eros e Tânatos. Por sua vez, Epicuro concebe o prazer como ausência de sofrimento físico (*aponia*) e tranquilidade da alma (*ataraxia*). Sua ética

propõe que a felicidade seja alcançada por meio da moderação dos desejos e do uso da razão, que possibilita distinguir entre desejos naturais e necessários, compatíveis com a serenidade, e aqueles artificiais ou vazios, que conduzem à insatisfação. Desse modo, o prazer autêntico é entendido não como excesso, mas como estabilidade, fruto do autoconhecimento e da prudência. A discussão evidencia convergências e divergências relevantes. Ambos os autores criticam a busca imediatista e desmedida por prazer, apontando a necessidade de reflexão quanto aos limites da satisfação. Entretanto, divergem quanto à possibilidade de felicidade: para Freud, trata-se de uma experiência episódica e nunca plena, enquanto para Epicuro é uma conquista possível, desde que orientada pela razão e pelo domínio dos desejos. Para além dos aspectos já discutidos neste resumo, reconhece-se a existência de outros elementos fundamentais para a análise comparativa entre as concepções de prazer apresentadas nas obras que serviram de base à pesquisa. No entanto, tais elementos não puderam ser explorados neste momento em razão da exigência de síntese própria a um resumo, o que limita a possibilidade de aprofundamento da discussão. Diante disso, pontua-se que tais resultados permitem afirmar que, embora partam de pressupostos distintos, Freud e Epicuro oferecem críticas convergentes ao consumismo contemporâneo e à medicalização da felicidade. Suas reflexões, portanto, permanecem atuais, pois contribuem para repensar os modos de busca pelo prazer e pela satisfação na vida humana, iluminando paradoxos do desejo, do sofrimento e da própria condição existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A investigação realizada permitiu uma análise comparativa entre duas concepções clássicas do prazer, representadas por Sigmund Freud e Epicuro. Apesar de situados em contextos históricos e epistemológicos distintos, ambos oferecem perspectivas atuais sobre a busca pela felicidade e os limites do prazer na experiência humana. Para Freud, o prazer está intrinsecamente ligado ao funcionamento pulsional do aparelho psíquico, marcado por forças inconscientes que vinculam o prazer ao conflito, ao mal-estar e à incompletude estrutural do sujeito. Assim, a felicidade se configura como uma experiência episódica e precária, sendo a psicanálise um espaço para a elaboração dos conflitos e não para sua eliminação definitiva. Em contraste, Epicuro propõe uma ética da moderação e da racionalidade, na qual o prazer verdadeiro se encontra na ausência de dor e na serenidade da alma. A felicidade, nesse contexto, é concebida como conquista prática e existencial, alcançável mediante a distinção entre desejos naturais e necessários e aqueles artificiais e ilimitados.

O cotejamento entre essas perspectivas possibilita refletir criticamente sobre os efeitos da cultura contemporânea, marcada pelo consumo, pelo excesso e pela medicalização da felicidade. Enquanto Freud revela os mecanismos inconscientes de repetição e autossabotagem, Epicuro oferece uma crítica ao desejo ilimitado, apontando para a simplicidade e a autossuficiência como caminhos possíveis.

Assim, o diálogo da concepção de prazer, feito a partir da *Carta a Meneceu sobre a Felicidade*, Epicuro e da obra *Além do Princípio do Prazer*, Sigmund Freud demonstra a relevância da interdisciplinaridade para uma compreensão mais ampla da subjetividade e do sofrimento humano. Este estudo, portanto, não pretende oferecer respostas definitivas, mas abrir espaço para questionamentos acerca da felicidade, do prazer e da

possibilidade de viver com lucidez em um mundo atravessado por conflitos, desejos e limites existenciais.

REFERÊNCIAS

- BURKHARDT, Walter. *A filosofia grega: dos pré-socráticos a Aristóteles*. Tradução de João de Souza. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da filosofia: história e grandes temas*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Escala, 2019.
- EPICURO. *Carta a Meneceu*. In: REALE, Giovanni. *Textos de Filosofia Antiga*. Tradução de Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2002. p. 29–37.
- EPICURO. *Máximas principais*. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 37–46.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 5 e 6).
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 14).
- FREUD, Sigmund. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911). In: FREUD, S. *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *O inconsciente* (1915). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 12).
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* (1930). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 6).
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Táuria Oliveira. A ética de Epicuro: um estudo da *Carta a Meneceu*. *Metanoia* (São João del-Rei), v. 5, p. 147–162, 2003.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga: vol. 2 – Sócrates e os sofistas*. São Paulo: Loyola, 1991.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga: os sistemas do período helenístico*. Vol. 4. São Paulo: Loyola, 2003.
- SOUZA, Ágabo Borges de. Felicidade hedônica, eudônica e makarística: diálogo da filosofia antiga com a psicologia positiva. *Aracê*, v. 6, n. 4, p. 18186–18197, 2024.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Epicuro e a ética da serenidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. [s.l.]: EDIPUCRS, 1996.